



XIV Encontro Nacional da ANPUR

23 a 27 · maio · 2011 · Rio de Janeiro

XIV ENCONTRO NACIONAL DA ANPUR

Maio de 2011

Rio de Janeiro - RJ - Brasil

A RELAÇÃO ENTRE OS DISTINTOS GRUPOS SOCIAIS NA CONFIGURAÇÃO DE UMA CIDADE:
UM ESTUDO SOBRE A SEGREGAÇÃO SÓCIO-ESPACIAL EM VIÇOSA-MG

Josélia Godoy Portugal (UFV) - joseliagp@yahoo.com.br

Arquiteta e Urbanista. Professora do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Viçosa - MG.

A relação entre os Distintos Grupos Sociais na Configuração de uma Cidade: um estudo sobre a Segregação Sócio-espacial em Viçosa-MG.

RESUMO

Algumas cidades brasileiras, ou a grande maioria delas, iniciaram o século XXI numa crise quanto à resolução de inúmeros problemas que, sendo projetados em seus espaços físicos, acabam por reconfigurá-los, produzindo muitas vezes, em um curto espaço temporal, uma cidade estranha a seus próprios moradores. Os processos de segregação sócio-espacial, que no caso brasileiro foram historicamente sedimentados, encontram nos distintos cotidianos urbanos condições que os potencializam, como por exemplo, a presença de um Estado muitas vezes subserviente ao capital econômico e aos seus interesses específicos. A forma com que a lei se materializa, através da organização das propostas legislativas de cada cidade, tende a refletir a presença desse tipo de Estado. Outros agentes também se fazem presentes na constituição das cidades, como o mercado imobiliário e os próprios moradores pertencentes a classes sociais distintas e por isso mesmo, com interesses urbanos também distintos. Nesse trabalho propomos refletir sobre a configuração urbana da cidade de Viçosa em Minas Gerais, contando hoje com cerca de 80.000 habitantes. Historicamente marcada pelo signo da segregação, o caminho metodológico escolhido foi discutir a dinâmica urbana através das relações estabelecidas entre os grupos sociais.

1 - INTRODUÇÃO

Proponho aqui uma discussão sobre a condição do urbano não apenas através de um estudo do espaço físico das cidades, de forma a ficarmos restritos às suas discussões morfológicas, mas sim, contemplando a possibilidade de discuti-lo a partir das relações sociais tecidas pelos indivíduos/grupos que se instalam no espaço urbano.

Sob essa perspectiva, entendo que o espaço físico é também consequência da forma como o homem se percebe no mundo e percebe o seu coletivo, que ele, o espaço, espelha as contradições da própria sociedade que nele se instala. É interessante chamar a atenção para o fato de que essa dinâmica acontece em todos os lugares, independente, por exemplo, da escala da cidade.

A partir dessa premissa, observo a cidade em que moro, Viçosa, uma cidade do interior do estado de Minas Gerais, com uma população real de mais de 80.000 habitantes¹, distante 233 km da região metropolitana da capital Belo Horizonte. Nela algumas características chamam muita atenção no sentido de ser uma cidade que se assemelha em alguns pontos muito mais com a dinâmica urbana de uma grande cidade do que com uma pequena cidade do interior do estado.

Viçosa é uma cidade que tem se expandido consideravelmente, com novas edificações; novos loteamentos; com uma universidade federal que, a cada ano, recebe mais pessoas; inúmeras festas para os estudantes; um trânsito de veículos tenso e intenso; um rio que, a cada dia se poluí mais; presença de pessoas dormindo nas ruas; pequenos assaltos noturnos entre outras peculiaridades para uma cidade de seu porte.

Em Viçosa temos uma realidade que a distingue quanto a sua dinâmica urbana de outras cidades próximas com uma demografia semelhante, como Ponte Nova, Ubá ou mesmo Barbacena, pois suas marcas distintivas são principalmente pautadas na questão da renda e da cultura. Essas características são fatos que se constituíram historicamente na cidade. Ligado principalmente à criação e expansão da Universidade Federal de Viçosa, e, associado com a vinda de professores e alunos de diferentes culturas, criou-se na cidade uma demarcação muito grande em termos de 'status' socioeconômico.

2 - SOBRE VIÇOSA - MG

A cidade de Viçosa localiza-se na região da Zona da Mata Mineira. Seus limites geográficos são os municípios de Teixeiras e Guaraciaba, ao norte, Paula Cândido e Coimbra, ao sul, Cajuri e São Miguel do Anta, a leste, e Porto Firme, a oeste. Essas são, segundo o IGBE, classificadas como cidades de pequeno porte, enquanto Viçosa configura-

se como uma cidade de médio porte, ou seja, possui influência não apenas local, mas também regional. Isso se dá uma vez que é, dentre as cidades dessa região geográfica, a que concentra os melhores equipamentos de serviços, tornando-se assim um pólo regional de referência. Hoje a população do município é predominantemente urbana, com mais de 92% residindo e vivendo das atividades na zona urbana (cf. IBGE).

Configura-se como uma cidade de médio porteⁱⁱ, que apresenta uma estrutura espacial nitidamente fragmentada, com desigualdade ao acesso a bens e serviços, ou seja, desigualdade sócio-econômica. A presença da Universidade Federal de Viçosa, de faculdades e colégios particulares e de empresas de prestação de serviço, gera um fluxo econômico relativamente intenso. Essa peculiaridade proporciona contradições e desigualdades sociais onde apenas 15% do total da população, segundo dados do IBGE (2007), apresentam uma renda bem superior à média da população da cidade. A implicação social dessa realidade manifesta-se entre outras formas, na construção e na ocupação espacial da cidade.

2.1 - URBANIZAÇÃO FRAGMENTADA E SEGREGADA

O grande marco da expansão urbana de Viçosa foi, ainda em 1926, a criação da Escola Superior de Agricultura e Veterinária do Estado de Minas Gerais – ESAV. Segundo Paniago (1990), a ESAV viria a ser o principal elemento que impulsionou o desenvolvimento da cidade, uma vez que, depois de sua criação, todo o processo de expansão urbana da cidade esteve ligado ao próprio processo de expansão dessa instituição.

Outro momento também importante para a expansão da cidade foi em 1948, quando a ESAV viria se tornar importante instituição de ensino com a ampliação dos seus cursos e de sua infra-estrutura, sendo transformada em Universidade Rural do Estado de Minas Gerais, UREMG. Essa mudança trouxe um significativo impulso na urbanização da cidade, não só pelos novos funcionários, mas também porque a instituição deixava de ser exclusivamente internato. Houve uma necessidade maior em relação à prestação de serviços que também impulsionou o comércio local. Mas esse crescimento urbano ainda foi considerado de pouca expressão. Segundo Mello (2002), não houve uma expansão da malha urbana e sim uma intensificação populacional nas regiões já ocupadas até então.

Com a transformação da então UREMG em Universidade Federal de Viçosa, em 1969, a cidade experimentou um grande 'boom' imobiliário. De acordo com dados do IBGE, em 1960 a população era de 20.846, sendo a maioria do meio rural. Nas décadas seguintes, esse número cresceu de forma expressiva, chegando, em 2007, a 70.404 habitantes, sendo a maioria no meio urbano, ou sobrevivendo das atividades a ele ligadas.

Esse processo de urbanização trouxe consigo a marca da desigualdade que é caracterizada pela exclusão socialⁱⁱⁱ explicitamente expressa nos espaços territorial e social. O que se constata é que

a qualidade de vida típica das cidades do interior mineiro foi se perdendo rapidamente com o aparecimento de uma série de problemas típicos das metrópoles brasileiras: poluição de seus córregos, engarrafamentos, violência urbana, áreas faveladas e acentuado processo de verticalização das suas edificações em determinadas áreas da cidade, ocasionando densificação excessiva ao se comparar com a infra-estrutura e serviços urbanos disponíveis (STEPHAN e BROWNE, 2001).

Nesse processo, o Município experimentou um grande surto de expansão das atividades econômicas, principalmente da construção civil, para prover habitações para essa nova população que chegava à cidade atraída pelas ofertas de trabalho (cf. site PMV). O processo de urbanização que se seguiu a partir daí teve como elemento primordial o fator econômico. Com isso produziram-se espaços característicos para os diferentes segmentos sociais que habitavam a cidade, de modo que o centro e as imediações do campus universitário foram privilegiados e as periferias da cidade não tiveram significativos investimentos.

Todavia, “a estrutura urbana não se encontrava preparada para absorver o crescimento populacional motivado pela federalização da Universidade” (MELLO, 2002, p. 56). Era necessário um investimento na infra-estrutura da cidade, o que não aconteceu. No processo de ocupação do espaço, observou-se como tendência a intensificação da ocupação do centro da cidade, que acabou ficando a mercê da especulação, bem como a construção de residências em áreas, topograficamente, impróprias, com declividades muito acentuadas.

Segundo Mello (2002), “a partir da década de 70, Viçosa vem experimentando um crescimento depredatório como a maioria das cidades brasileiras” (MELLO, 2002, p.57). Assim, verificou-se uma rápida ocupação das áreas planas ainda disponíveis e o mercado imobiliário experimentou uma rápida e crescente expansão. “A valorização dos imóveis urbanos atingiu níveis muito superiores aos da região e, até mesmo, equivalentes aos de alguns bairros da capital” (STEPHAN e RIBEIRO FILHO, 2001). Com isso ficava evidente que a tendência de ocupação dessas áreas, a julgar pelo alto custo das construções, se daria como de fato, se deu, pelas camadas médias da sociedade.

Em Viçosa, ao contrário da maioria das cidades brasileiras em que a indústria promovia o desenvolvimento, a instalação da UFV é que proporcionou a oferta de empregos, dinamizando a economia local. Essa configuração trouxe um grande contraste entre a cidade e a universidade, entre população mais bem remunerada e os assalariados, situações que extrapolaram o espaço social para então configurar um padrão físico do solo urbano que revelaram grandes desigualdades sociais.

Para ilustrar essa afirmação observa-se que na década de 1970 foi criado o primeiro condomínio residencial fechado em Viçosa, o Parque do Ipê, quando a população ultrapassava os 30.000 habitantes. Logo após essa experiência, um segundo condomínio foi criado, o Condomínio Bosque Acamari, nas imediações da Universidade, inicialmente destinado à ocupação pelos professores da universidade. Esses foram construídos nos moldes dos subúrbios americanos, com casas amplas e baixas, igualmente distantes umas das outras, e sem muros entre si, todas as edificações com jardins na parte de trás e na frente, dando para um arruamento interno asfaltado, possuindo significativas áreas de lazer. Evidentemente que esse padrão tipológico distinguia-se do restante da cidade.

Também nessa década, com o intuito de trazer mão-de-obra que desse suporte ao setor de serviços para essa nova população, o então prefeito, Antônio Chequer, numa iniciativa pessoal, loteou e distribuiu terras sem nenhum tipo de planejamento, configurando, por exemplo, o bairro Nova Viçosa. Esse bairro também teve parte de seu loteamento feito por iniciativa privada. Totalmente afastado da zona urbana, inclusive sendo dela separado por um elemento geográfico, uma montanha. Esse bairro abrigava e ainda abriga uma população de baixa renda que para tudo depende do centro da cidade (cf. site PMV).

A partir da década de 1990, Viçosa tem passado por um forte processo de verticalização de seu centro e imediações, tendo suas antigas construções, de um ou dois pavimentos, sido substituídas por edifícios de múltiplos apartamentos com o primeiro andar destinado ao comércio, ou mesmo, edifícios inteiros destinados a essas atividades. Assim podemos perceber outro momento em que a moradia e sua localização é um meio de distinção social, pois como

frutos da especulação imobiliária, os altos edifícios que vêm sendo construídos ocupam os poucos vazios urbanos que ainda restam na área central da cidade, principalmente as encostas próximas ao centro e a faixa de proteção ao longo dos cursos hídricos. Por causa da localização na estrutura urbana, os condomínios verticais destinam-se às classes médias e altas (MELLO, 2002, p.57).

É dessa forma que, segundo Pereira (2005), “em Viçosa, a população local acaba tornando-se vítima de um duplo processo de especulação imobiliária, visto que a área central, já valorizada por natureza, acaba se tornando mais valorizada por conta da proximidade com o campus da universidade federal” (PEREIRA, 2005, p.201).

Esse processo de ocupação urbana aleatória, o qual Viçosa tem passado, mais fortemente a partir da década de 1970, e intensificado no final da década de 1990, foi fortemente influenciado pela inexistência no município, até 1998, de um Plano Diretor^{iv}, cujos impactos negativos afetam a cidade até o momento. Isso quer dizer que até o final do século XX não se tinha efetivamente instrumentos legais de planejamento urbano, ainda que a existência desses não efetive de fato a falta de problemas.

Dessa forma novos bairros foram se constituindo e a carência de infra-estrutura urbana é uma realidade, pois ao contrário de como ocorreu nos núcleos iniciais, onde o local era cuidadosamente escolhido e os possíveis eixos de expansão planejados, com espaços destinados às praças e largos, nos novos bairros ocupados por classes mais baixas dificilmente encontramos qualquer tipo de investimento nesse sentido, forçando uma mobilização de seus moradores para tentar algum investimento junto à Prefeitura.

Ocorre, então que, a cada ano, com o crescimento natural da cidade promovido pela expansão da Universidade, a demanda por serviços se intensificou. A busca por trabalho atraiu os mais diferentes segmentos sociais, desde as pessoas que vieram atuar como professores na Universidade ou empresários locais, como os trabalhadores das camadas populares. Evidentemente que a confluência desses distintos segmentos no espaço físico da mesma cidade, produziria diferentes cidades dentro da cidade.

A ocupação do solo urbano evidenciou essa diversidade, através, por exemplo, de uma característica muito típica de Viçosa e que não é compartilhada pelas cidades vizinhas, a implantação de condomínios residenciais fechados.

A cidade possui hoje sete condomínios residenciais fechados^v, entre os já ocupados e os em processo de implantação, além de mais alguns loteamentos que fatalmente se transformarão nessa tipologia^{vi}. Todos esses empreendimentos estão fora do centro da cidade, sendo que alguns deles estão deslocados da malha urbana, como é o caso do Condomínio Caminho dos Lagos que fica à margem da rodovia que liga a cidade à Juiz de Fora, na parte rural de Cristais.

Essas tipologias são procuradas como opção de moradia das pessoas que possuem maior poder aquisitivo na cidade. Todavia também existem bairros que são historicamente ligados a essa classe social, como o Bairro de Ramos, o Bairro Clélia Bernardes, o Bairro de Fátima e mais recentemente, o Bairro Violeira, o Bairro João Braz, por exemplo. Em contrapartida existem também os bairros historicamente ligados à classe mais baixa como o Bairro do Laranjal, Bairro Amoras, Bairro Barrinha entre muitos outros. O que é interessante notar é que os bairros que se limitam com o centro da cidade possuem constituições mistas entre as distintas classes sociais, pois normalmente são bairros de ocupação mais antiga e possuem uma infra-estrutura melhor, além da proximidade com o centro, dispensando muitas vezes o uso do veículo particular. Todavia é preciso ressaltar que a qualidade urbana desses bairros tem ficado comprometida com os inúmeros problemas urbanos que o centro da cidade tem enfrentado. Para exemplificar podemos citar parte do Bairro Santa Clara, parte do Bairro Santo Antônio, Bairro Bethânia, entre outros.

Enfim, podemos ver como o processo de urbanização de Viçosa acabou por construir uma cidade com lugares de diversas vivências e contradições. Recuperando as reflexões de Lefebvre (1999), podemos afirmar que “as diferenças que emergem e se instauram no

espaço não provêm do espaço enquanto tal, mas do que nele se instala” (LEFEBVRE, 1999, p.117). E o que no espaço se instala é a materialização das relações estabelecidas pelos indivíduos.

A partir dessas considerações identificamos Viçosa como uma cidade onde a segregação sócio-espacial é uma realidade que se firmou ao longo de sua história e que tende a ser cada vez mais evidente, principalmente pela permanência e intensificação dos processos de distinção social presentes.

2.2 – RELAÇÃO HISTÓRICA ENTRE OS DISTINTOS GRUPOS SOCIAIS

As relações estabelecidas pelos diferentes grupos sociais que compuseram e que compõem a sociedade urbana de Viçosa trazem em sua história uma grande tendência à distinção social. Podemos identificar momentos distintos em que a sociabilidade urbana em Viçosa viveu essa realidade, como quando da chegada da estação ferroviária, quando da federalização da universidade e, por último, nos dias atuais com a expansão da UFV e a sedimentação do caráter científico da cidade, como afirma Pereira (2005).

Evidentemente todos esses momentos foram responsáveis pela produção de um espaço físico urbano distinto, como discutido anteriormente, mas também foram responsáveis pelo caráter peculiar do comportamento social da população, que sempre esteve exposta a uma “longa e permanente convivência com estrangeiros de todos os continentes” (site PMV). Também é uma população que sempre conviveu com a chegada de pessoas de outras cidades que vieram em busca de oportunidades de emprego, trazendo consigo, seus costumes, sua cultura.

A pesquisa realizada por Paniago (1990) foi feita no final da década de 1980, mas ainda podemos perceber que muitas das reflexões feitas são uma constante em nossos dias, como por exemplo, quando afirma que “a Universidade Federal de Viçosa está contribuindo para a formação de verdadeiras castas no município, no setor econômico” (PANIAGO, 1990, p.207). Ela destaca os altos salários pagos aos professores e aos funcionários da alta administração, bem como ao aumento do número de médicos, dentistas, advogados, entre outros profissionais que possuem uma renda acima da média da maioria das pessoas da cidade, que sobrevivem principalmente do comércio.

Inicialmente a população local tinha um caráter mais rural, ligada exclusivamente às práticas agrícolas e, portanto não tinha no núcleo urbano o seu local de moradia, mas a ele ocorria em datas específicas. Como afirma Paniago (1990),

se em 1830 a população era pequena na sede do povoado, ela era bem numerosa nas propriedades rurais, e as pessoas deslocavam-se para a sede por ocasião das festas religiosas. Em tais ocasiões as pessoas se conheciam, negócios e casamentos eram tratados e a vida social da vila ia

se formando entre conversas, procissões, missas, ranger de carros-de-bois e o tropel das tropas de muars (PANIAGO, 1990, p.82).

Podemos perceber que Viçosa tem, desde o início de sua formação como núcleo urbano, uma forte ligação com as práticas religiosas da Igreja Católica, às quais inicialmente eram responsáveis por promover a interação social entre as pessoas do povoado, e uma economia baseada nas atividades agrícolas, principalmente na produção do café. Essas características foram responsáveis pela formação de um caráter tradicionalista na população (cf. PANIAGO, 1990).

As práticas religiosas desde o início sempre tiveram em Viçosa uma forte ligação com o aspecto de festas, muito mais voltadas para uma conotação social do que necessariamente para uma prática estritamente religiosa (cf. PANIAGO, 1990). As primeiras interações sociais da nova cidade foram derivadas delas e seguiam o seu ritmo.

Por ser um local de expressão na produção cafeeira no início do século XX, e ter uma característica mais urbana, dada pela presença da ferrovia, da estação ferroviária no centro do povoado e da Igreja Católica e suas práticas, alguns grandes fazendeiros, especialmente os ligados com a cultura do café, e alguns comerciantes da região trouxeram seus filhos para que em Viçosa pudessem estudar. Assim, começava a figurar o que mais tarde seria a principal característica da cidade, a sua ligação com a Educação.

A construção de uma cidade voltada para a educação foi sempre o caráter que marcou as principais iniciativas na cidade e a ela tem atrelado toda a constituição de sua vida urbana. Por um longo período as instituições de ensino aqui instaladas contaram com a presença de professores vindos de outros países. Isso, por um lado dava credibilidade às instituições, por outro, forçava, por assim dizer, o convívio dessas pessoas com a população local. A interação entre elas nem sempre aconteceu da melhor forma possível, havendo dificuldades na adaptação ao meio urbano viçosense.

No início das atividades da UFV, ainda enquanto ESAV (1926), os profissionais a ela ligados ficavam restritos às atividades da Escola. Essa dinâmica fez com que eles tivessem poucas relações com os moradores locais, formando grupos distintos que pouco se relacionavam, até porque possuíam uma cultura totalmente diferente da local. Também contribuiu para isso o distanciamento físico inicial entre a Escola e a cidade, onde desde o início, a estrutura física do campus já refletia esse caráter segregacionista entre a Escola e a cidade, pois o campus ficava distante do então centro. Hoje essa distância não existe mais, pois a cidade e o campus se encontram geograficamente através da Av. P. H. Rolfs, uma das vias principais da cidade.

Outro fator também de segregação entre os profissionais diretamente ligados à ESAV e à comunidade local foi a construção de vilas habitacionais dentro do campus da Escola, como a Vila Gianetti, que por diferenciar-se completamente das características

locais foi um fator de distinção social que perdurou até suas casas serem desativas como moradias.

Segundo Silva (2007), as donas-de-casa da Vila Gianetti possuíam costumes domésticos diferentes, com fortes influências estrangeiras ou das capitais, além de, devido aos altos salários pagos pela Escola, pagarem salários para as empregadas domésticas muito acima do que a população local poderia pagar. Assim, havia uma grande disputa por esses empregos, ao mesmo tempo em que, as donas-de-casa de Viçosa se viam prejudicadas por não conseguirem competir com os altos salários.

Segundo Paniago (1990), “em Viçosa, a década de sessenta foi de crucial importância para o estudo das tendências a mudanças sócio-culturais” (PANIAGO, 1990, p.106). Segundo ela, podemos perceber mais nitidamente essas mudanças, tanto na educação quanto nas práticas religiosas. A cidade de Viçosa tem, até a década de 1960, uma sociedade formada por praticantes da religião Católica, no entanto, a partir dessa data,

começam a ser instaladas na cidade diversas seitas protestantes ... lojas maçônicas e seitas orientais. A vinda dessas novas agremiações religiosas, mormente das primeiras, acendeu o espírito de resistência a mudanças já observado no próprio seio do catolicismo, entre os viçosenses (PANIAGO, 1990, p.106).

Ainda segundo a autora, a principal justificativa para essa resistência é o fato de que essas inovações foram trazidas por pessoas estranhas à comunidade.

Nesse sentido, podemos recuperar as reflexões teóricas de Baumam (1998), que nesse contexto, nos ajudam a entender o porquê da resistência inicial dos viçosenses em acolher em sua cidade as novas e diferentes religiões. É que elas pertenciam àquelas pessoas estranhas ao núcleo já estabelecido. Elas tenderiam, como de fato assim aconteceu, a promover mudanças na sociedade, reestruturar uma organização social, colocar em evidências situações em que a comunidade local precisaria se posicionar e mais, elas seriam novas e diferentes opções a serem escolhidas. E assim, as diferentes práticas religiosas acabaram por figurarem-se como condicionantes de distinção social em Viçosa (cf. PANIAGO, 1990).

A população de Viçosa já estabelecida em seus costumes e práticas sociais tende a sentir-se ameaçada com o que lhe é diferente, e parte para um comportamento de autodefesa, segundo Paniago (1990). O comportamento social, de inicial resistência em relação ao novo que chega, em Viçosa, não diz respeito só à questão religiosa, mas também é muito presente em relação às pessoas que vêm de outras localidades para fixarem residência na cidade. “Essa peculiaridade do viçosense pode ser percebida quando, na realização de festas e eventos sociais, nota-se a presença de grupos nitidamente separados” (PANIAGO, 1990, p.107).

No entanto, essas características de resistência tendem a se mostrar mais claras a partir da década de 1970, quando o processo de troca das atividades rurais pelas atividades urbanas, incluindo a moradia, foi muito intenso, o que se justificou entre outras coisas, pelo processo de federalização da Universidade Federal de Viçosa. Com a ampliação da instituição, novos cursos de graduação e pós-graduação, aumento do número de alunos e de funcionários, uma reestruturação física do campus, uma nova demanda por serviços se fez sentir na cidade de Viçosa, o que atraiu não só as pessoas da região, como de outras localidades do Brasil, tornando Viçosa um pequeno foco migratório. No entanto,

com o crescimento do setor de construção civil, consequência da expansão da UFV, que aumentou o poder aquisitivo do povo, muitos trabalhadores do campo têm vindo para a cidade trabalhar nas obras, inflando as favelas que proliferam nos morros da periferia (PANIAGO, 1990, p.28).

“Essa diversidade de pessoas, com diferentes tipos de educação e ‘status’ sócio-econômico, interagindo com a população local de raízes tradicionalistas, formou um complexo humano heterogêneo” (PANIAGO, 1990, p.28). Com essa população, e com uma grande oferta de empregos, o que não significava acessibilidade a todos, a localização de moradia das diferentes famílias dizia muito de seu ‘status’ social. Dessa forma, quanto mais afastado do centro da cidade, menos renda a família possuía.

É somente a partir desse momento que, segundo Paniago (1990) houve um deslocamento das atividades agrícolas e religiosas, como delimitadoras da sociedade viçosense, para valores ligados à política e à educação, fato que está intimamente ligado à criação da UFV e sua expansão.

Pereira (2005) destacou um aspecto interessante em relação à educação em Viçosa, onde “se a UFV atua como elemento de atração de estudantes de várias partes do país, grande parte dos estudantes do próprio município, e também do entorno de Viçosa, acabam por estudar em outras instituições de ensino existentes na cidade” (PEREIRA, 2005, p.200), todas elas particulares. Esse fato tende a funcionar como uma característica de distinção social que ratifica o que já está presente no imaginário da população local, onde a UFV é, e sempre foi, desde sua origem, algo para ‘os de fora’ e não para os viçosenses. Assim podemos perceber como esses dois grupos têm dificuldades em interagirem quando, por exemplo, promovem e freqüentam festas distintas.

Predominantemente urbana, mais de 92%, a população tem cerca de 50% de seu total composto por estudantes, evidentemente não só universitários. Nas suas relações estabelecidas “enriquecem o ambiente da cidade conferindo-lhe uma atmosfera criativa, dinâmica e intelectualmente estimuladora” (cf. site PMV), dando a sensação do cosmopolitismo, tão presente nas metrópoles ou grandes cidades.

Desta forma, Viçosa participa de um círculo de cooperação, em escala internacional, no que tange ao desenvolvimento da pesquisa científica com

ênfase à pesquisa aplicada do setor agrícola e agropecuário. É assim que a cidade, mais uma vez através de atividades realizadas na UFV, se insere no circuito de produção científica nacional e mesmo colabora na redefinição de práticas e técnicas agrícolas em distintas partes do território brasileiro. (PEREIRA, 2005, p.205)

Segundo Paniago (1990), a influência da UFV no município é um fato incontestável. Ela destaca aspectos positivos, como a possibilidade de emprego para muitas pessoas, mas também expõe aspectos negativos. Muitas vezes a “população enxerga-a como agente de invasão cultural, sente-se lesada em suas aspirações e direitos” (PANIAGO, 1990, p.207), principalmente pela presença de pessoas que para aqui migram e tiram oportunidades das pessoas locais. É como uma forma de reação que dificulta, muitas vezes, a integração entre as pessoas e a permanência de grupos locais que se fecham. Mas a autora ressalta que essa é a primeira reação e que, após a adaptação ao meio, a população local tende a acolher o que não é nativo.

A caracterização de Viçosa como cidade universitária, aliada com as condições de uma urbanização limitada pela topografia acidentada e por uma economia dependente da UFV, dá o atual perfil da cidade: um fluxo de pessoas e veículos contínuo e maior do que a infra-estrutura urbana possa suportar.

Enfim, podemos ver como o processo de urbanização de Viçosa acabou por construir uma cidade com lugares de diversas vivências e contradições. Recuperando as reflexões de Lefebvre (1999), podemos afirmar que “as diferenças que emergem e se instauram no espaço não provêm do espaço enquanto tal, mas do que nele se instala” (LEFEBVRE, 1999, p.117). E o que no espaço se instala é a materialização das relações estabelecidas pelos indivíduos.

3 – PARA NÃO CONCLUIR SOBRE ESSA DISCUSSÃO

A lógica capitalista que rege a ocupação do solo urbano como aponta diversos pesquisadores, no sentido de se ter o aumento do preço do solo urbano no centro das cidades devido à especulação imobiliária, forçando assim as camadas populares a ocuparem então a periferia, é observada na construção do espaço urbano da cidade de Viçosa. Nesse processo percebemos como também não só as camadas populares, mas as camadas altas de renda tendem a ocupar os espaços periféricos da cidade, conformando novos espaços de moradia como os condomínios fechados ou os bairros mais nobres.

Esses processos de ocupação do solo urbano se configuraram no Brasil ao longo de sua história, na medida em que entre nós as legislações que regiam e as que regem o uso e a apropriação do solo urbano sempre manifestaram uma tendência a favorecer as classes mais abastadas. Enquanto propriedade privada, a posse do solo fica dependente de

recursos financeiros, e numa sociedade hierarquicamente dividida, onde as diferenças de renda acentuam-se cada vez mais, morar em lugares com melhor infra-estrutura, é uma forma de materializar o poder financeiro que se possui, ou seja, é uma forma de status econômico e social.

Em nosso caso específico, pudemos verificar como essa reflexão de fato norteia a ocupação do solo urbano em Viçosa-MG. A questão do adensamento do centro da cidade, muito atrelado ao crescimento numérico dos habitantes e também da população flutuante, formada por estudantes, principalmente ligados a Universidade Federal de Viçosa, é hoje um problema de planejamento urbano.

Sobre as relações sociais estabelecidas, percebemos na sociedade viçosense traços da influência portuguesa na construção da sociedade brasileira, quando nos deparamos com a importância que ainda damos às Letras, ao indivíduo letrado, no sentido de que isso é um capital que confere status a uma pessoa. Assim como o português no período colonial conferia o título de 'doutor' àqueles que possuíam uma formação acadêmica, nossa sociedade ainda permite que o letrado sobressaia-se sobre os demais. E nesse aspecto a cidade de Viçosa torna-se um caso muito particular e específico, pois com a presença no cotidiano da cidade dos professores universitários, a marca histórica da distinção da 'sociedade do doutor' se materializa em nosso contexto.

A distinção do 'doutor' em Viçosa foi construída historicamente. Quando da implantação da ESAV, ainda no início do século XX, houve uma grande presença de professores norte-americanos que se inseriram no cotidiano da cidade, usufruindo de seus espaços e, em contrapartida, promovendo sua expansão. Além de ser a presença do estrangeiro, era a presença do 'estrangeiro doutor', que se configurou como pano de fundo para a sociabilidade que se constituiu em cima das distinções entre os diferentes grupos sociais que formavam a cidade nesse momento.

Mesmo depois que se diminuiu a presença desses na cidade, o imaginário urbano viçosense sempre conviveu e se moldou pela presença do 'doutor', que, amparado por uma renda que sobressaía à da média da população local, passou a usufruir das melhores condições que a cidade oferecia como habitação, espaços de lazer, educação, entre outros.

Dessa forma, diante das distintivas configurações sociais presentes em uma cidade, o desafio do planejamento urbano permanece. Muitos são os fatores que precisam ser considerados, porque esse é um assunto que diz respeito às questões do homem, seus limites, desafios e potencialidades enquanto um ser social. Assim, em um mundo interdependente como vivemos atualmente, e que tende a intensificar esse processo cada vez mais, romper com antigos sistemas pautados em construções ideológicas, que privilegiam uns e esquece-se de outros, e, principalmente desvencilhar-se de uma atuação do Estado que materializa essas arcaicas relações, torna-se imperioso se não quisermos

viver direcionando nossos esforços para continuamente apenas minimizarmos seus efeitos negativos.

4 - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAUMAN, Zygmunt. **O mal estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A (re)produção do espaço urbano**. São Paulo: Edusp, 1994.
- FERNANDES, Edesio, VALENÇA, Márcio Moraes (org). **Brasil Urbano**. Rio de Janeiro: Mauad, 2004.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. IBGE. Disponível em: <<http://www.ibge.com.br>>. Acesso em 20 de janeiro de 2010.
- JESUS, Gislene Higino de. **O processo de auto-segregação no espaço periurbano: análise dos fatores sócio-econômicos responsáveis pela configuração da paisagem no bairro Violeira do Município de Viçosa, MG**. Monografia (graduação em Geografia). Viçosa: Universidade Federal de Viçosa, 2007.
- LEFEBVRE, Henri. **A revolução urbana**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1999.
- MARTINS, José de Souza. **Exclusão social e a nova desigualdade**. São Paulo: Paulus, 1997.
- MELLO, Fernando A. O. **Análise do processo de formação da paisagem urbana do município de Viçosa, Minas Gerais**. Dissertação (Mestrado em Ciência Florestal) – Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, MG, 2002.
- PANIAGO, Maria do Carmo Tafuri. **Viçosa - mudanças socioculturais; evolução histórica e tendências**. Viçosa: UFV, 1990.
- PEREIRA, Mirlei F. V. **Contradições de uma “Cidade Científica”**: Processo de urbanização e especialização territorial em Viçosa-MG. **Revista on-line. Caminhos de Geografia**. Disponível em: <<http://www.ig.ufu.br/revista/caminhos.html>>. Acesso em 20/02/09.
- PMV. **Prefeitura Municipal de Viçosa**. Disponível em: <<http://www.vicoso.mg.gov.br>>. Acesso em 20 de janeiro de 2010.
- SINGER, Paul. **O uso do solo urbano na economia capitalista**. In: MARICATO, Ermínia (org.). **A produção capitalista da casa (e da cidade) no Brasil industrial**. São Paulo: Alfa-Omega, 1979.
- SILVA, Diene Ellen Tavares. **O consumo de alimentos sem agrotóxicos como fator de distinção social: o caso de Viçosa-MG**. Dissertação (mestrado em Extensão Rural). Viçosa: Universidade Federal de Viçosa, 2007.

STEPHAN, Ítalo e RIBEIRO FILHO, Geraldo Browne. **Avanços e limites na implantação de um sistema de planejamento em Viçosa-MG**. 2001. Disponível em: <<http://www.ichs.ufop.br/conifes>>. Acesso em 7 de julho de 2007

UFV. **Universidade Federal de Viçosa**. Disponível em <<http://www.ufv.br>>. Acesso em 20 de janeiro de 2008.

ⁱ Segundo o IBGE (2007), a população de Viçosa é 73.121 habitantes residentes. No entanto, estima-se que exista mais cerca de 12.000 pessoas, formando uma população flutuante, constituída de estudantes universitários de graduação e pós-graduação, técnicos em treinamento na Universidade Federal de Viçosa, participantes de congressos e eventos técnico-científicos e culturais e outros, proporcionando uma população que, na prática, ultrapassaria os 80.000 habitantes.

ⁱⁱ Esse tipo de denominação é baseado no valor numérico total da população de uma cidade, e, segundo a classificação do IBGE, as cidades entre 50.000 e 800.000 habitantes são consideradas cidades de médio porte, pelo fato de terem condições de exercer influências regionais.

ⁱⁱⁱ Segundo Martins, “exclusão é apenas um momento da percepção que cada um e todos podem ter daquilo que concretamente se traduz em privação” (MARTINS, 1997, p.18). Dessa forma, a ‘exclusão social’ é um estado de privação imposto, tornando-se um problema moral muito mais do que a pobreza, que para ele, em nossa sociedade, é algo relativo, sendo redefinida continuamente por uma cultura que também muda.

^{iv} O Plano Diretor deve ser o resultado de um levantamento, em todas as instâncias que compete ao poder público atuar, das condições de vida de um lugar. Assim ele é uma resposta, na forma legal, que deve ser capaz de contemplar o desenvolvimento da cidade, e aqui se deve entender esse conceito como algo que engloba a qualidade de vida. O Plano Diretor é a principal lei do município que trata da organização e ocupação do território. No Estatuto da Cidade, lei federal de 2001, que regulamenta os capítulos sobre Política Urbana da Constituição, o Plano Diretor é resultado de um processo político dinâmico e participativo que mobiliza o conjunto da sociedade para discutir e estabelecer um pacto sobre o projeto de desenvolvimento do município. Este é um processo político de formação da cidadania (cf. STEPHAN e BROWNE, 2001).

^v Condomínios já ocupados: Parque do Ipê (1972), Bosque do Acamari (1980), Recanto da Serra (1990), Jardins do Vale (bairro que foi fechado a partir de 2000), Monte Verde (2000), Caminho dos

Lagos (2007). Em processos de ocupação: Condomínio Bretas e mais dois loteamentos que iniciaram as obras em 2010.

^{vi} É importante ressaltar que um condomínio fechado dificilmente nasce como tal, pois sua configuração morfológica é ilegal. A discussão sobre a ilegalidade dos condomínios fechados no Brasil tem suscitado diversas discussões no meio acadêmico, que também é compartilhado por diversos países. Algumas terminologias para esse fenômeno: gated communities (África do Sul e Europa), Barrios cerrados (Argentina e Chile), enclosed neighbours (Estados Unidos), entre outros.

^{vii} No entanto, hoje essa lógica é diferente. As pessoas que têm maior renda tendem a ocupar as regiões distantes do centro, algo que tem sido comum não só em Viçosa.